

ESPOZENDENSE

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm e propriet.—José da Silva Vieira.—Redactor no Brazil: A. Elias.—Editor—José da Silva Vieira Junior. Comp. e impressão.—Typ. Espozendense—Espozende

Assinatura: Ann., sem estaq. pilla 10\$00 esc. — Com esta pilla e para fóra 12\$00 e c. — Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs. — Colonias Portuguezas, 25\$000 rs. — Numero atrasado 1\$00 — Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha 1\$00 cent. — Anuncios particulares: linha \$70 Co nun. ou reclames, linha \$50 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c. — Reclames e obras literarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.

DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA

TEOTONIO DA FONSECA

ESPOZENDE E O SEU CONCELHO

FÃO

(Continuado do numero 1.320)

Estas Inquirições referem-se a Mordomos de terra e Mordomo de areias, mencionam fóros em trigo, porcos, galinhas, peixe, sal, etc.

«Et ipsis homines peccant homicidium, et rausum, fartum, merdam in boca et dant luctuosam».

Dizem mais que esta igreja tem sesmarias e o mosteiro da Costa 5 casais; que o rei não o padroeiro, mas Santa Maria de Guimarães.

O senhorio de Fão esteve em poder de Rui Pereira, procurador do Mestre de Aviz e seu colaborador na morte do Conde Andeiro.

Ora succedeu que Rui Pereira deu a terra de Fão com todos os seus direitos e pertenças a Gonçalo Nunes de Faria, o herico defensor do castelo de Faria, por carta que foi presente ao rei D. João I, em 10 de agosto de 1385, a fim de ele revogar a doação que da mesma terra fizera a Gonçalo Vasques Barroso.

E esta doação foi realmente revogada e mantida a de Rui Pereira a Gonçalo Nunes de Faria.

Em 21 de novembro de 1388 D. João I fez doação *entre vivos valdoira deste dia para todo o sempre para elle Gonçallo Nunes de Faria nosso Vassallo e para todos seus herdeiros e netos e desc n.lentes per linha direita d' n'ossa terra de Fão que elle ora de vós; trazia em prestimo etc.*

Estando Fão encravada na terra de Faria era porém da Jurisdicção de Guimarães.

D. João I por carta de 14 de outubro de 1409 transferiu e incorporou Fão no julgado de Faria, doando-o a seu filho D. Afonso, conde de Barcelos e mais tarde 1.º duque de Bragança, entrando assim o senhorio de Fão

nesta casa.

Fão tinha juiz pedaneo, segundo diz o P.º Carvalho na «Corografia Portugueza», vol I, pag. 274, e homens honrados com que se governava, por eleição annual do povo, o que vinha presidir a Camara de Barcelos de que era sujeita.

O Juiz e adjuntos faziam Altaxeis. Tinha Escrivão das Cisas e Imposição, data da Casa de Bragança, que levava de cinco peixes um, cousa que ordinariamente passava de 700.000 reis, por ser aqui a mais notavel pescaria da provincia.

Fão nunca foi vila.

A Igreja Paroquial desta freguesia está em sitio baixo para o qual se desce por uma rampa da estrada do Porto a Viana do Castelo.

E' cercada por um pequeno adro solto. Estava este templo quasi soterrado pelas areias e desaterrando-o fizeram-lhe em volta um muro de resguardo. Sofreu varias reformas sendo uma das principais em 1874, como se vê da inscrição na verga da porta travessa que diz: OBRA FUNDITUS REFORMATA IN ANNO MILLESIMO OCTOGESIMO ET SEPTUAGESIMO QUARTO EST.

Na fachada lisa e simples lê-se um versiculo da Biblia e por cima a data=1890=a da reconstrução daquela.

Ao lado direito ergue-se uma torre para os sinos com seu relogio.

Do lado esquerdo junto á capela mór estão as sacristias.

A capela mór é forrada a estuque muito bem pintado e decorado e o seu altar é em estilo moderno.

E' esta igreja de tres naves, separadas por cinco arcos, forradas a estuque liso em abobada forma boca de canhão.

No topo de cada nave lateral tem seu altar, tendo mais seis altares, tres de cada lado, todos em estilo moderno e pelas paredes varios oratorios.

Arrimados ás colunas do terceiro arco estão os pulpitos; tem côro e batisterio com pia em granito, antigo e bem trabalhada. Por cima desta vê-se um

quadro a oleo, representando o batismo de Cristo.

Ao sul desta igreja foi construido ha poucos anos a *Casa da Catequize*.

Nesta freguesia existem as seguintes igrejas e capelas:

O *Templo do Bom Jesus*, construção dos principios do seculo XVIII, ergue-se ao centro de um adro fechado por grossas paredes, cujas pilastras são terminadas por volumosas bólas de pedra, trinta e duas, com tres entradas.

Na alta fachada deste templo abre-se um portico renascença, encimado por uma bem proporcionada rosacia.

Por cima do arquivado está um escudo com as armas nacionais coberto pela coroa real.

No fundo por traz da capela mór eleva-se a torre para os sinos e em frente do templo e ao lado direito estende-se um amplo terreiro, ensombrado por arvores com bancos de pedra e um coreto para musica, onde se realisa a romaria em abril de cada ano.

Dentro o templo, em forma de cruz latina, é todo abobadado de pedra.

As paredes da capela mór são forradas a azulejos e a tribuna do seu altar é um estilo moderno. No camarim central venera-se a imagem em madeira do *Senhor de Fão*, Senhor dos Passos, de esculturas muito antigas.

E' tão antiga esta imagem que não se pode averiguar donde veio; dizem que veio de Inglaterra, mas ha outros que são da opinião que foi feita em Viana Foz do Lima.

(Continua)

Cimento Tejo

a marca mais conhecida e garantida por o fabrico moderno

DEPOSITARIO

CASA DE FERRAGENS VIDROS E TINTAS

BERNARDO GONÇALVES ENES
Rua Direita — ESPOZENDE

NO ANIVERSARIO

DO

«Espozendense»

Como presente de anos, aceite, Snr. Redator, a transcrição abaixo que faço—*data venia*—do brilhante jornal «O Estado de S. Paulo», de 19 de julho ultimo.

Subscreve essa joia literaria o academico Dr. Guilherme de Almeida, o maior poeta, autor de «O Meu Portugal».

Ei-lo:

«LINGUA PORTUGUEZA

Julho, 19.

«A gente dadivosa e boa desta boa e dadivosa terra está querendo agora, muito abenegada, generosa e perdulariamente, desistir, abrir mão do seu restinho de dignidade; a Lingua Portuguesa. Uma lei vai afirmar e provar que a lingua que se fala no paiz já não é a portugueza... Já não lhe convém, deixou de «combinar», não «orna» mais com elle aquele eco de epopéa branca que veio repercutir e desdobrar-se na redoma tympanica destes ceus claros, na concha acustica destas praias alvas, na pelle sensível destes rios estirados, nas cristas vibranteis destas selvas e destas cordilheiras verdes...»

«Já não lhe serve essa lingua nobilissima—de que fala Castilho—, a qual, «no cortar lavores, no entalhar poetico, nenhuma ncs leva a palma; nenhuma se presta melhor, em dignidade ao coturno; em magestade á epopéa; em graça a esses versos que a lyra devêra sempre acompanhar; em voluptuosidade á canção; no mordente á satira; no fino do epigrama. Tudo quanto a poesia invoca, tudo quanto o humano homem verbo comporta, o portuguez dá... E como poderia ser plebéa e mendiga essa lingua que descende de tão illustre linhagem? O grego, o latim, o arabe! isto é, a harmonia, a perfeição, a audacia!»

«Já não lhe serve a lingua que Fernão Alvares do Oriente («Lusitania Transformada») define «um ramilhete composto de

diversas flores».

«Já não lhe serve a lingua que pela capacidade de palavras» (moraes), «por muito clara, rica e bem dotada» (Duarte de Rezende), «muito se avantajava para tratar de graves materias» (Vieira), «e não desmerece lugar entre as melhores, para nella se escreverem assumptos levantados, proveitosos, satiricos e até rasteiros» (Francisco Rodrigues Lobo), e quanto á brevidade «é a que em menos palavras descobre mores e conceitos, e que com menos rodeio, e mais graves termos dá no ponto da verdade» (Frei Fernando de Brito)...

«Já não lhe serve a lingua perfeita que «é branda para delectar, grave para encarecer, efficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, e acomodada ás materias mais importantes da pratica e da escriptura. Para falar é engraçado com um modo senhoril. Para cantar é suave com um certo sentimento que favorece a musica. Para pregar é substanciosa, com uma gravidade que autorisa as sentenças. Para escrever cartas, nem tem infinita copia que danne nem brevidade esteril, que a limite. Para historias, não é tão florida que se derrame, nem tão seca que busque o favor das alheias. A pronunciação não obriga a ferir o ceu da bocca com aspereza, nem arrancar as palavras com vehemencia do gargalo... Tem de todas as linguas o melhor: a pronunciação da latina; a origem da grega; a familiaridade da castelhana; a brandura da franceza; a elegancia da italiana» (Rodrigues Lobo)...

«Já não lhes serve isso...

«O que lhe servirá, meu Deus?! — GUY.»

Guilherme de Almeida, no seu encantador livro citado que enfeixa as crônicas que, de Lisboa, quando exilado, escreveu para a imprensa brasileira, não se esqueceu do nosso querido Minho, embora muito de leve:

«O Minho, o doce Minho das faturas... Doce e farto como aqueles «pasteis da Clarinha», de Fão, suaves e recheados de abobora assucarada...»

Saudando, com estas belas palavras desse illustre publicista, a terra de Rodrigues Sampaio, vão com as mesmas, os meus mais efusivos, mais cordiaes emboras, ao bondoso snr. Silva Vieira, contemporaneo de Rodrigo Veloso, Amaral Ribeiro e Cunha Ozorio, na «Aurora do Cavado», de antanho...

S. Paulo, 17-X-35.

Emilio de Figueiredo.

ESPOZENDE

HA CINCOENTA ANOS

NOTAS A LÁPIS

(Continuação do numero 1.415)

Com tristura contestavamos mentira não eram as vozes da tradição e a rezenha do movimento portuário; só o desleixo, a incuria, a inércia, a vil politica-gem, o malbarateamento dos dinheiros publicos, mais do que a erozão, as aluviões, as tempestades e as furias do mar, tinham concorrido para a nossa desconfiança. As nossas apoucadas industrias, principalmente a da construção naval, foram definhando ante a imprevidencia e descaso dos altos poderes nacionais; simultaneamente com os perigos rio abaixo e ao entrar no Oceano, dia a dia amontoados.

E' do nosso tempo o velho Estaleiro povoado por um formigueiro de trabalhadores de machado, mestres de risco, calafates, ferreiros, caldeireiros, pintores, carpinteiros, aparelhadores. A's vezes duas quilhas batidas e os esqueletos dos cavernames alçando-se na carreira, por entre fumaceiras de alcatrão, incensos de resinas e olôres fortes de tintas e breu.

—Oh! o grande dia do navio ir á água: tirados os espeques, abençoado pelo issôpe do Paroco, regado com o vinho-fino pela madrinha, entrando garboso rio dentro, por entre palmas, foguetorios, musicas, vivório, gritarias! E logo o banquete nos armazens do risco, engalanados e floridos, onde formando doceis, trofeus nas paredes ou a eles encostados com arte:

—As andainas de vélas, grandes, bujarronas, latinas, cutélos, gatas, varredoiras, velachos, gibbas, joanêtes, mezênas, precintas, gafetopes, fórras, papafigos, bandólas, monêtas, cevadeiras, punhos, traquêtes, draivas. Mastros-grandes, retrancas, espichas, mastaréos, cataventos, gurupês, galôpes, caranguejas, gáveas, antênas, pegas-reaes, guindólas, vergas, calcez, pica-peixes, romans, encapeladuras, caçoiras, penôes. Cabos, amarras, brandaes, socairos, calábres, boças, laizes, carregadeiras, rizes, amantinhos, patarrazes, merlins, amuras, briões, espias, bolinas, chicotes, enxarcias, adriças, enfrechates, galdropes, viradôres, ostagas, estropos, talhas, cabrestos, escôtas, amantes, massames, ligas, óvens, estaes, braços, tralhas, coxins. Poliames, correntes, gornes, lebres, moitões, cadernaes, malhetes, patescas, cabrestantes, guindastes, bigotas, estralheiras, sapatas, rodizios, ca-

breas, molinêtes, arganéos, guinchos. Lemes, cadastes, berços, machos, temões. Turcos, servio-las, ancoras, ancarotes, fateixas, escovens. Vigias, bombas, zunchos, boias, alavancas. Bailéos, dalas, verdugos, tozamentos, pavezes, trincanizes, amuradas, carlingas, habitas, surriolas, aposturas, cadimes, escoras, cavilhas, béques, mezas, escotilhas, malaguêtas, fuzos, passadiços, enbônos. Vertedoiros, paneiros, cavernas, balizas, carrancas-de-prôa, portalós, vaus, portinhólas. Macas, catres, palamentas, espadélas, tolêtes, chamis, torquêtas, croques, arpéos, filarêtes, tanques, galões. Jangadas, guigas, escalêres, canôas, esquifes, botes. Farolêtes, barquinhas, busulas, bitáculas, oculos, cartas-de-marear, mapas, sextantes, diarios-de-bordo. Mareatos, jiks, pavilhões, flamulas, galhardêtes. Lônas, encerados, suêstes, estôpas, oleados, filaças, machados, foguetes. Emfim—todos os mil aprestos dum veleiro; e o preciso para o rancho, a ração, matatutagem e salvamento dos tripulantes.

Do estaleiro de Fão desciam tambem veleiros prontos a mastrear no nosso caes, mais tarde, aterrada a doka, novo estaleiro se formou, e onde se construíram diversos e alguns para a pesca de bacalhau na Terra Nova.

E cada vez mais assoriado o leito das aguas, mais fechada a barra. A impossibilidade, portanto, de serem mantidas essas atividades beneficiadoras de tantos...

(Continúa)

Luiz Viana.

FRAGMENTOS DE LITERATURA

SALVAMENTO MUTUO

A contrastar com a solidão exterior, lá dentro, no salão de recreio, do velho paquete ingles, a animação atingira o auge!

Entre o fumo dos cigarros das mais diversas origens e os vapores do «champagne», uma multidão cosmopolita, dansava, desenfreadamente aos arrancos dum «jazz-band», formado por desconjuntados pretos, sem pensar no profundo abismo, que tinha sob os pés, separados, apenas, por um arruinado casco.

Estavam, ali, representadas as mais diferentes raças: Um belga e uma francesa, muito juntinhos, como juntos estão os países, que lhes serviram de berço, fazendo ternas juras, como as suas patrias, fazem os tratados comerciais e politicoes. A seguir, um russo, que teimava, em comunicar a uma arrepiada brasileira, a origem do frio implacavel da região onde nascera. De-

pois um austero ingles, meio escandalizado, com a verbosidade intempestiva duma salerosa espanholita. Mais adiante, um italiano *temperava* a lingua num *macarrónico* frances e espanhol, para explicar a uma alemã, a historia das suas viagens, o que obrigava a gentil dama a deitar olhares ansiosos á escura orquestra... infundavel no «charleston.» Alem, um portugues, de frase quente, apaixonado, revelava o ardor amcroso dos lusitanos, a uma escocesa, que o escutava sem o menor interesse, indiferente.

E a matisar esta babilonia de raças e «toilettes», as fardas, alegres, lusidias, da officialidade de bordo.

De repente surgiu ao fundo da sala um rapaz aparentando trinta anos, masculino, alto, elegante, para o qual convergiram todos os olhares femininos. Era John o comandante. De inteligencia lucida e esclarecido espirito, de coragem inabalavel, de que dera prova em lances perigosissimos, chegou cedo as culminancias da sua carreira nautica, sendo esta a primeira viagem, como chefe maximo dum transatlantico.

Foi sentar-se junto do imediato, que, pachorrentamente bebia «shops», ao lado dum «boche» e percorreu com o olhar todas as pessoas, encontrando, nesse rapido exame um gracil rosto de mulher, imagem divina que se projectou no seu cerebro com inapagavel nitidez.

A jovem de deslumbradora belesa era Mary, cuja formosura fizera andar de cabeça á roda uma turba de *D. Juans*, desde os glaciais ingleses, aos ardentes italianos; desde o cerebro frances á maquina americana; enfim, a todos feria em pleno coração a sua esbelta e delicada figurinha de «madona.»

Conversava com seu pai rico banqueiro, a quem acompanhava em viagem recreativa, a travez do Atlantico, sem dar importancia aos numerosos admiradores, que lhe giravam em volta, como planetas em torno do astro principal.

John, não lhe dirigiu por muito tempo, a muda, mas, que elegante, linguagem dos olhos, porque um *oficial de dia*, o veio avisar de que o tempo ameaçava mudança brusca.

(Continúa)

RUI DE MENEZES.

Joel de Magalhães

MEDICO

Em Espozende das 9 ás 12- e em Fão das 14 ás 15 e meia horas

CARTAS DE FÃO

II

Meu Caro Amigo.

Afim de bem cumprir a promessa feita, vou dividir estas minhas cartas em três períodos. O primeiro compreenderá as descrições respeitantes ao mês de Agosto, o segundo aquelas que se prendam com Setembro, e o ultimo abrangerá duma maneira mais ou menos ampla a vida e o progresso da nossa adorada terra.

E', pois, pelo primeiro dos períodos expostos que vou começar; porém, meu caro amigo, presta sempre a maior atenção a tudo aquilo que vou tentar, com a minha humilde pena, descrever-te.

O verão de 935 ficará a marcar em Fão uma nova etapa, mas uma etapa decisiva na vida da nossa terra—como praia.

Excedeu uma centena o numero de familias que a nossa famosa e encantadora praia vieram frequentar. Falar-te na nossa praia vai ser o assunto desta minha carta. Imensa pena tenho de tu não poderes presenciar uma das manhãs da nossa praia. Não imaginas o quadro que á vista surge após o terminus da estrada. Dezenas e dezenas de pessoas brincam nesse extenso e incomparavel areal. Centenas de crianças saltam despreocupadamente nas Aguas Nptuninas.

Descrever-te a beleza da nossa encantadora praia, descrever-te o quadro vivo da inegalavel praia com que a Natureza dotou a tua e minha terra, é tarefa ardua para as minhas pauperrimas forças; contudo caro amigo, eu vou dizer-te alguma coisa sobre o que sentiu o meu pobre coração, o coração dum autentico, dum genuino filho de Fão.

Conheces desde a tua infancia a praia da nossa terra, essa praia que apresenta um extenso areal de milhares e milhares de metros, a praia onde se não encontra um só rochedo, a praia onde as águas do Atlantico gigante beijam mansa e laguidamente a areia. Pois essa praia outrora desconhecida tem sido frequentada nos ultimos tempos por numerosas familias, e a confirmar o que te digo está o ultimo verão, onde a frequencia atingiu e excedeu a uma centena de familias, familias essas que nos deixaram levando as mais gratas recordações desta terra a que tanto queremos e que os nossos distintos hospedes já amam como se *filhos* de Fão fossem. O que seria a nossa terra se a sua propaganda fosse feita devidamente? Com certeza ela iria suplantiar muitas das praias do nos-



Aos agricultores

Não é rico o lavrador que tem muitas terras, mas sim o que delas sabe tirar o maximo de produtos que alcançareis com bons adubos e boas sementes e assim nos vossos proprios interesses não deveis comprar:

Adubos

Sementes

Sulfato

e

Enxofre

sem **ver bem** os preços de **A AGRICOLA DE ESPOZENDE**, Fanico, Marinhas, representante das melhores casas destes artigos, porque compra **melhor e mais barato**

Não se deve recusar á terra o que ela pede como recompensa das riquezas que se lhe exigem. Uma terra bem adubada renovera sempre quem a cultiva. Das boas e racionais adubações dependem as boas colheitas.

Nesta casa comprais aos melhores preços do mercado mais o seguinte:

Maquinas agricolas

Farinhas alimentares para gado

Arame

Cimento

SALDEAVEIRO
(Especialidade da Casa)

OBRA MONUMENTAL

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA

Lisboa

Rio de Janeiro

Edição da

EDITORIAL ENCICLOPEDIA Lda

Está publicado o quinto fasciculo

150 colaboradores eminentes em todos os ramos de saber e da cultura. Todas as figuras da nossa História—Toda a Terra Portuguesa e o Império Colonial nos seus variados e aspectos—Toda a fauna e flora lusitana *Um compendio de toda a cultura Nacional* que é ao mesmo tempo o **melhor dicionario do idioma portuguez**, incluindo portuguez arcaico e moderno, brasileirismo, calão, provincianismos, gíria e neologismos, *vocabulário tecnico de todas as profissões*, etc., etc.

Um repertorio completo bio-bibliográfico de escritores, artistas, médicos, e engenheiros, músicos, cantores, officiais do exercito e da armada, politicos, funcionários, jornalistas etc., cuja obra em conjunto, até aos dias de hoje constitue *monumental cultura lusitana*

Pedido de assinatura á
EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE
Largo Trindade Coelho, 10-LISBOA

Desejo assinar a grande «Enciclopédia Portuguesa e Brasileira» (1) pelo correio, contra reembolso, mensal, 3 meses, 6 meses, 1 ano

Nome

Morada

Assinatura

(1) Cortar o que não interessa.

CERCA DE 20.000 VOCABULOS NOVOS. 15.000 GRAVURAS E 400 ESTAMPAS A CORES. MAGNIFICA APRESENTAÇÃO GRÁFICA
POR 10.500 MENSAIS todos podem adquirir a obra de maior categoria até hoje editada em lingua portuguesa
TUDO NUMA SÓ OBRA **UMA SÓ OBRA PARA TUDO**
A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
UM FASCICULO EM CADA MÊS

A venda na Livraria «ESPOZENDENSE» —Espozende.

so formoso litoral, e crê tu meu amigo que a nossa terra num futuro proximo há-de impôr-se e tornar-se, senão a mais bella, uma das mais belas praias do norte deste formoso jardim occidental.

No momento em que os filhos da nossa terra, os *autenticos filhos de Fão* se resolverem a trabalhar em pró deste belo ideal, tu verás no que este cantinho do Minho, se tornará, tu verás como a nossa terra progredirá.

Mas com certeza dir-me-ás tu, mas então o que fazem os nossos conterraneos e porque não trabalham pelo engrandecimento de Fão como praia?

Será isto que te irei mostrando na minha proxima carta e ao mesmo tempo irei, com geitinho, limando as arestas dos retrogradados e daqueles que á nossa terra pertencem, mas como sempre não estão para trabalhos—mas sim vivem para as suas comodidades.

E por hoje não adianto mais nada, visto o amigo Vieira dizer que envie cronicas pequenas para a redacção.

Adeus, até á semana.

Dispõe sempre do teu amigo

FANGUEIRO.

A imprensa e o nosso jornal

«O Espozendense é o decano dos jornaes do districto de Braga, dirigido pelo velho jornalista e verdadeiro homem de bem, snr. José da Silva Vieira, que nunca deixou de manter connosco as mais amistosias relações de leal camaradagem e estima.

Sensibilisam-nos deveras as palavras que o collega amigo nos dirige pelo motivo do aniversario de «O Nauta». Elas ahi ficam archivadas, com o grato affecto que nos reina n'alma.

«O senhor José da Silva Vieira é um jornalista experimentado nas lides da imprensa, e que sabe «escolher o trigo do joio», motivo porque as suas palavras têm maior valor e calam mais fundo no nosso coração.

Muito obrigado!»

«O Espozendense» entrou, com o seu n.º 1418, no 48.º ano de existencia.

Uma longa e gloriosa vida. Felicitamo-lo.»

(Do n.º 977, ano 32, «O Nauta», de 2 de Novembro de 1935).

«O ESPOZENDENSE»

Entrou no 48.º ano de existencia este nosso presado colega, defensor dos interesses do concelho de Espozende.

Cumprimentamo-lo e estimamos as suas prosperidades.

(Do n.º 87, da «Aurora do, Lima», de 1 de Novembro de 1935).

«O Espozendense». Este antigo semanario republicano que se publica em Espozende e é decano dos jornais do distrito de Braga, quiz ter a gentileza de se referir agradavelmente, no seu numero de 31 de Agosto findo, á utilidade que *O Jornal de O Contribuinte*, tem para todos os que precisam de estar a par das leis fiscaes. Ao seu illustre director os nossos reconhecidos agradecimentos.

(Do n.º 171, do Jornal do «Contribuinte», de Lisboa, de 25 de Setembro de 1935.)

«O Espozendense»—Registamos e agradecemos reconhecidamente es referencias especiais e bastante amáveis feitas á nossa Revista pelo jornal «Espozendense», as quais bastante nos sensibilizam, por uma vez mais terem partido dum órgão regionalista. Por falta de espaço não foi possível a esta Revista ter inserido há mais tempo esta local, a que pedimos e esperamos que nos seja desculpado.

(Do n.º 100 da «Femina», jornal da Mulher, de Lisboa.)

(Continúa)

Loteria do Natal

1.º Premio 6.000 contos

A exemplo dos anos anteriores já se encontra na **Casa Havaneza** desta vila, aberta a inscrição para o bilhete n.º **4.903** (numero certo da casa).

Além daquele bilhete esta casa tem á venda para a mesma loteria um variado sortido de vigessimos e cautelas.

Encontra-se também aberta a inscrição para o numero especial da «**EVA**» do Natal com premios no valor de 400 contos.

A PATRIA

Sociedade Alentejana de Seguros

Séde em

EVORA

em propriedade sua:

Delegação no

PORTO

AVENIDA DOS ALIADOS, 81-1.º

Telefone—4903

Efectua

SEGUROS DE VIDA

em todas as modalidades bem como:

Incendio, Cristal, Postal, Desastres, no Trabalho, Marítimo, Responsabilidade Civil, Roubo, Agricola, Acidentes individuais.

Reservas em 1932:

Esc.—3.278.516\$75

Agente em FÃO E ESPOZENDE

Antonio da Sá Pereira

NOVIDADE

ESPOZENDE

ATÉ 1258

por

Baptista de Lima

AAAAA AAAAA

Divagações históricas, 1 vol: de 72
paginas, 3 escudos.
Pelo correio 3\$30

Edição da Livraria ESPOZEN-
DENSE—Espozende, a quem de-
vem ser feitos os pedidos.

A' venda na Papelaria Miran-
da, Largo da Catçada, BARCELOS.

PROPRIEDADES QUE SE VENDEM POR PREÇOS BARATÍSSIMOS.

Em FÃO—2 campos denominados d's Sampaio, perto do cemiterio de Fão e junto á estrada Nacional.

2 casas perto da Capela do Bom Jesus e com frente para a rua Direita.

1 Tomadia ou campo das Areias com pinheiros, mato, e grande extensão de terreno para cultura; e ainda um grande campo na freguezia de Palmeira do Faro, em muito bom local, com boas ramadas e muitas arvores de fructo.

Quem pretender dirija-se:

Em Espozende—a J. aquim da Costa Eiras.

Na Povoá de Varzim—a Araujo & C.ª Limitada.

COLEGIO FRANCO-LUSITANO

Fundado em 1923

Rua 1.º de Dezembro—ESPOZENDE

Internato e externato para os dois sexos.

ENSINA-SE: Instrução primaria, Instrução secundaria e Música.

Educação Moral e religiosa. Alimentação sã e abundante. Os alunos tomam as suas refeições com as directoras.

A lingua franceza é ensinada por professora parisiense diplomada.

Otimos resultados nos exames.

As aulas reabrem no dia 9 de Outubro

Pedir informações á directora:

Renée Mestre Vieira

Pilot RADIO

Porquê?

Recebe maior numero de estagós Tem melhor sonoridade. O materia «PILOT» é conhecido pelos grande amadores da T. S. F. como do melhor que se fabrica.

E' a marca que vem sendo preferida pelo Corpo Diplomático, Ministros, Officiais do Exército e Marinha, Magistratura, Alto Comercio e Industria.

E' uma marca com 25 anos de existencia e outros tantos anos de aturadas experiencias.

SEJA PRUDENTE

Não compre telefonia sem ouvir «PILOT»

Modelos para 1.200\$00—

1.650\$00 — 1.950\$00 —

2.050\$00 — 2.650\$00 —

2.800\$00 — 3.900\$00 —

3.950\$00 e 5.950\$00

Agente:

JOSE OLIMPIO BARREIROS

RUA DES. FRANCISCO, 34

BARCELOS

Artur Boaventura Rego

ESPOZENDE

AGRADECIMENTO

A familia de Manoel Gonçalves da Silva Morgado, desta vila, vem por este meio e na impossibilidade de o fazer por outro, agradecer, muito reconhecida, a todas as pessoas que durante a enfermidade de seu chorado filho e neto, lhes prestaram serviços e á que no transe doloroso do seu passamento a confortaram na sua dôr imensa, acompanhando o saudoso á sua última morada.

A todos se confessam sumamente gratos e protestam o seu eterno reconhecimento.

Espozende, 5 de Novembro de 1935.

FEMINA

jornal ilustrado da mulher

Directora: **HELENA DE ARAGÃO**

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS

13 numeros 19\$00

26 " 39\$00

ULTRAMAR

26 numeros 51\$00

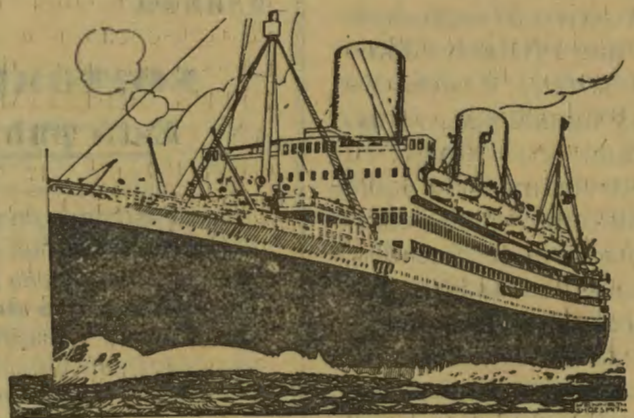
ESTRANGEIRO

26 numeros 63\$00

Para assinar a «Femina» basta enviar um postal a Helena de Aragão, Travessa da Condessa do Rio, 27.—LISBOA.

Mala Real Ingleza

Royal Mail Lines, Limited



Paquetes correios a sair de Lisboa

Estes Paquetes sahem de Lisboa no dia seguinte e mais os paquetes:

1 HIGHLAND BRIGAD em 13 de Novembro para Las Palmas, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres

2 ASTURIAS em 19 de Novembro para a Madeira, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires.

1 HIGHLAND PATRIOT em 27 de Novembro para Las Palmas Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo Buenos Ayres

(1) Aceitam passageiros de 1.ª, Intermediaria e 3.ª classes.

(2) " " " 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

Na agencia do Porto pôde-se os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, MAS PARA ISSO RECOMMENDAMOS TODA A ANTECIPAÇÃO.

Dirigir aos unicos agentes no norte de Portugal:

TAIT & CO.

19, RUA DO INFANTE D HENRIQUE.—PORTO

ou aos seus correspondentes nas provincias.